



A PERSPECTIVA INTIMISTA NA POESIA MODERNA DE MARIA ÂNGELA ALVIM

Isabelle Akemi Diniz Tanji (PGLETRAS - UEMS)¹

Lucilo Antonio Rodrigues (UEMS)²

Introdução

A presente proposta de investigação discute a obra de Maria Ângela Alvim nos limites da poesia do Modernismo Brasileiro. A proposta, neste sentido, apresenta um percurso que, por um lado, aborda os elementos constituintes da poesia Modernista brasileira, dando especial atenção à poesia de Maria Ângela Alvim.

Compreendendo a ideia de que o Modernismo no Brasil tem como uma de suas principais características a heterogeneidade de temas e procedimentos estéticos, apresentamos a valorização intrínseca da diversidade de obras presentes na tradição literária no Brasil. A presente investigação justifica-se na medida em que acreditamos na necessidade de revisão da historiografia literária nacional como algo necessário para a valorização da diversidade de estilos e autores em nossa tradição literária.

Os principais objetivos da pesquisa é discutir a diversidade da poesia Modernista brasileira e a relevância estética da poesia de Maria Ângela Alvim, dentro do contexto literário brasileiro, mais especificamente, no Modernismo.

Material e Método

A presente proposta de investigação será organizada em três momentos. No primeiro, discutiremos os limites do Modernismo no Brasil, dando enfoque à Geração de 45, depois, apresentaremos a vida da autora e, por fim, verificaremos como a poesia de Maria Ângela

¹ Discente no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, unidade de Campo Grande.

² Doutor em Letras pela UNESP/IBILCE São José do Rio Preto. Atualmente é docente da UEMS na unidade de Paranaíba, atuando também no programa de Pós-Graduação em Letras da UEMS e do mestrado profissional em rede (PROFLETRAS).

Alvim pode ser percebida como uma das vozes modernistas no Brasil, realizando análises de sua obra.

Os modernistas desejavam a libertação da arte das regras fixas. Adotaram então uma nova postura temática que questionavam mais a realidade em si mesmo com um indivíduo, sem padrões e limitações. Ao escritormodernista caberia então trabalhar a linguagem de forma reflexiva, o trabalho artístico e crítico dos autores deveriam proporcionar uma nova visão do país.

Partindo deste contexto, segundo Alfredo Bosi (1993), o modernismo é dividido em momentos: modernismo heroico ou panfletário dos primeiros anos até 1930; modernismo maduro que envolve autores regionalistas como Graciliano Ramos e poetas da primeira geração. Essa geração compreende a sistematização de caracteres próprios à estética como a utilização de versos livres e a adoção de uma temática mais próxima da realidade cotidiana, bem como a acomodação do sentido reformista da primeira geração em uma estrutura literária que, em muitos casos, resgata a arte de fim de século, em um processo antropófago.

Na terceira fase, iniciada em 1945, conhecida como a fase de *reflexão* ou *fase esteticista* ou *neomodernismo* encontramos o momento mais *estético* do modernismo. Neste, a poesia de João Cabral de Melo Neto e a prosa de João Guimarães Rosa são exemplos de uma nova perspectiva estética que coloca o Modernismo no compasso das novas perspectivas estéticas oscilando ora no aprofundamento das questões sociais da segunda geração, ora debruçando-se sob um ecletismo em muito recuperado da tradição parnasiana.

É possível pensar, então, em uma mútua influência entre as três fases modernistas no Brasil. Ao mesmo tempo em que o ecletismo estilístico e temático assume fator importante na construção dos caminhos temáticos dentro da escola.

Justamente por isso, as propostas da primeira fase aparecem com mais força na terceira fase. A prova disso é a força da proposta estética de Mário de Andrade na obra *Paulicéia desvairada*, escrita em dezembro de 1920, mas publicada apenas em 1922. A obra apresenta uma poesia retirada das cenas do cotidiano e dotada de uma nova composição melódica/harmônica que foge da tradição passadista, fato que garante um espaço como um dos primeiros textos da poesia modernista brasileira. Mário de Andrade escreve nesse livro o “Prefácio interessantíssimo”, espécie de manifesto da poesia modernista, no qual podemos identificar reflexões importantes para o movimento. Ideias como a compreensão da poesia pensada sob um lirismo somado a arte e retirado das cenas do cotidiano, bem como a necessidade de uma maior flexibilização dos padrões estéticos são pontos relevantes no

prefácio. A poesia pensada como reflexo do jeito “brasileiro” e sem a preocupação exagerada com métrica, rima e gramática, assim como, a presença de uma diversidade temática e a incorporação da tradição pelos modernistas, fato que corrobora com a compreensão do ecletismo como uma das principais marcas da literatura modernista. Em nossa leitura da poesia de Alvin, observamos não apenas o trabalho com os elementos do cotidiano, mas também a articulação de versos melódicos com versos harmônicos.

A Geração de 45 teve início “oficial” no fim da Segunda Guerra Mundial e início da Guerra Fria. Com o intuito de buscar uma poesia mais equilibrada e reorganizar a liberdade formal e a rebeldia temática das gerações modernistas passadas. Por alguns, eram chamados de “Neoparnasianos” porque buscavam valores Parnasianos como a perfeição, o culto à forma, metrificacão, versificação e inovações estéticas, valores esses que haviam sido difundidos pela geração de 1922. Consideramos, no entanto, tal afirmação exagerada, dada as peculiaridades da geração.

Na terceira fase do Modernismo, os autores preocupavam-se com as palavras e com a forma, mas não havia uma “forma pronta” ou uma quantidade limitada de temas, como ocorreu no Parnasianismo. Um exemplo disso é João Cabral de Melo Neto e Guimarães Rosa, mas quando se trata de assuntos essencialmente humanos, citamos Clarice Lispector e podemos encaixar neste aspecto a nossa autora estudada, Maria Ângela Alvim que será apresentada nos tópicos abaixo.

Alguns autores que integraram a geração de 45 como Cecília Meirelles, Péricles Eugenio da Silva Ramos, Lêdo Ivo, Domingos Carvalho Silva, Murilo Mendes, João Cabral de Melo Neto, entre outros, apresentam em comum a busca de um maior rigor na elaboração poética.

Apesar das influências parnasianas e simbolistas, estes autores filiam-se ao Modernismo, inclusive João Cabral de Melo Neto que compõe uma poesia altamente metalinguística. Poemas como “Cabelos, os meus cabelos”, de Péricles Eugênio da Silva Ramos e o “Soneto Ocasional”, de Domingos Carvalho da Silva são exemplos da retomada do apuro formal. No campo temático, os autores da Geração de 45 manifestaram sua preferência pela poesia existencial e social e pelo regresso a um lirismo mais íntimo, fato que resgata elementos da lírica tradicional em detrimento às experiências rítmicas dos primeiros modernistas. É a esta tendência que aproximaremos a poesia de Maria Ângela Alvim no contexto modernista.

Compreendemos, portanto, que a geração de 45 conduz o furor rebelde dos primeiros modernistas rumo a um novo arranjo de estilo ao introduzirem, por exemplo, o lirismo intimista e abstrato, formas fixas alinhadas a um sentido profundo de crítica social em sua poesia madura.

Resultados/ Discussão

Maria Ângela da Costa Cruz Alvim, nasceu no dia 1 de janeiro no ano de 1926, na fazenda de Pouso Alegre, Volta Grande, Zona da Mata, Minas Gerais. Ela era filha mais velha de Fausto Figueira Soares Alvim e de Mercedes Costa Cruz Alvim. Teve quatro irmãos: Mauricio da Costa Cruz Alvim, Maria Lucia Alvim, Francisco Soares Alvim Neto e Fausto Alvim Junior todos poetas, sendo o último já falecido.

Formada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na primeira turma do curso de Assistência Social. Foi uma pessoa muito ligada às dificuldades socioeconômicas da cidade de Belo Horizonte e seu forte envolvimento com temas sociais seria, mais tarde, uma temática recorrente em sua poesia. Maria Ângela Alvim faleceu em 19 de Outubro de 1959 de uma doença nervosa.

Seu primeiro livro foi *Superfície*, publicado em 1950 é um de seus trabalhos mais conhecidos. Postumamente foram publicados: *Barca do Tempo* (1950-1955), *Poemas* (1962), *Outros Poemas*, *Poemas de Agosto* (2000) e *Carta a um cortador de linho* (2000). Ela também teve alguns de seus poemas publicados no livro “*Os cem melhores poemas brasileiros do século*” (2001).

No que diz respeito ao acesso do público leitor, pode-se afirmar que aquele é muito restrito. Um dos motivos para o ostracismo da poeta é a dificuldade de aquisição dos textos em tiragem bem reduzida e de difícil localização. Uma ação importante, neste contexto, foi a publicação de 1993 pelas mãos de Francisco Alvim do livro *Poemas* que reúne a obra completa da poeta.

A obra da autora teve no momento de sua publicação uma boa recepção crítica favorável recebendo, inclusive, elogios de Carlos Drummond de Andrade. Depois de sua morte, aconteceu com Maria Ângela o que acontece com muitos poetas, caiu no esquecimento. Como nosso objetivo é comentar a recepção crítica de Maria Ângela Alvim e, posteriormente, tecer comentários sobre algumas das particularidades de sua obra poética procederemos a um breve resumo dos textos críticos publicados sobre a poeta.

O primeiro texto crítico sobre a obra de Maria Ângela Alvim são os comentários de Carlos Drummond de Andrade e Alexandre Eulálio, presentes no livro “Poemas” da autora.

[...] uma presença nova e marcante entre os poetas que surgem, e a qualidade especial de uma natureza poética extremamente fina, que sabe selecionar os aspectos da realidade interior e nos oferecer com sóbria dicção, o resultado último da experiência lírica. (DRUMMOND, 1993, p. 142).

Nas palavras do poeta mineiro identificamos aspectos importantes para a avaliação da poesia de Maria Ângela Alvim. Um deles é a temática intimista da poeta e o segundo é a concisão de sua forma de expressão. De fato, a poesia de Maria Ângela é feita por um verso rápido e, tal como a forma do haicai japonês, filtra a realidade em busca da emoção singular do momento. O mesmo percurso avaliativo podemos identificar em Alexandre Eulálio (1993) para quem Alvim pratica o exercício do verso e a “agilidade da expressão” ao filtrar o singular e o individual em um universo agressivo como o é a sociedade brasileira ao final dos anos 40 do século XX.

Maria Ângela utiliza um verso cromático de forte implicação emotiva, fato que induz a um verso rápido e avesso ao contato imediato com o cotidiano. A carência de referentes concretos dá a Alvim uma de suas principais características: a emotividade e a sensibilidade da palavra. Este recurso propõe uma analogia entre som e imagem colaborando para aproximar a poesia de Alvim ao sentido de contiguidade entre o estado de alma do poeta e as poucas referências ao real perceptíveis em sua obra.

No poema “De tudo me afastei, por não querença”, o eu lírico parece impotente diante da vida e das coisas do mundo. Seu filtro é a passagem inerte do tempo e a constatação de que na poesia encontra um espaço para a reflexão e o refúgio deste mundo agressor. A poesia é uma posição mais observadora do que realmente vivida, o que lhe vale a sensação de vazio, de falta de valor na vida além de matéria de poesia.

Entretanto uma das saídas para este mal estar é a arte, a poesia. Ao produzir este afastamento de forma consciente “De tudo me afastei, por não querença” o eu lírico valida a transmutação do real imediato em matéria poética e, neste percurso, reorganiza a realidade imediata em matéria poética ao pensar-se como poro, como uma voz silenciosa da angústia da vida. A este respeito estudamos o poema “Inteira me deixo aqui”, no qual reaparece a busca pelo silêncio do espaço exterior. O silêncio passa a algoz do eu lírico e a morte física é sublimada pela produção da poesia. É neste mundo de criação que encontramos a metalinguagem como tema recorrente na obra de Alvim.

Sua poesia fala, sobretudo, no apagamento do real dentro do processo angustiante da construção poética. É desta dúvida ou duplicidade que advém a ânsia pelo verso intimista e a aparente abstração do real em sua poesia. A “quase semente” e a presença de “vozes de vento e mar” indicam a busca pelo poético, pelo resolver e pela contenção em um “deserto”.

No poema “Não mais a estrela será tão alta”, percebemos a poesia movida pelo sentimento de tristeza profunda, melancolia, o que é recorrente em sua obra. Alvim tem um cuidado de submeter ao leitor um apelo emocional sobre a vida e a morte. Há aqui uma desistência diante das coisas do mundo. “Na mão suicida”, percebe-se essa impotência de viver, procurando na morte a paz que não encontra na vida. O mesmo percurso foi verificado no poema “Mais fiel que a sombra é a morte” mais uma vez a questão de vida e morte aparece como tema central da poesia. Por mais que buscasse a vida e lutasse por ela “E tu gritas: - Vida!”, a morte figura como certeza fiel.

A repetição do primeiro verso dá ênfase a esta questão, “Mais fiel que a sombra é a morte”. Este percurso é também verificado no poema “Não ouse esse mal”, em que o eu lírico parece impotente diante a vida e de todas as coisas do mundo. O eu lírico vive um dilema moral. Neste poema está presente o pessimismo e a oposição entre “eu e o mundo”, ela sente que não se encaixa nele, que há um vazio. Para preencher esse vazio, o eu lírico encontra vazão em seus poemas, “Poesia, transcende da letra mortal”.

A temática existencialista e o confronto do eu lírico com o mundo assume uma dimensão ontológica, aproximando o dilema individual no poema a um sentido mais amplo de entrega, de fracasso, fato também verificado no poema “Que importa, se me vou”. Neste poema, o eu lírico apresenta uma desilusão diante as coisas da vida, a morte para ele é a única saída, e viver já não importa, “que importa a vida”. Assim, o viés intimista e a discussão do mundo, via reorganização sentimental, alinha Alvim à poesia introspectiva de Cecília Meirelles.

Ao sentido íntimo de individualidade, encontramos uma perspectiva estética que em muito retoma o verso sentimental do romantismo. Estaríamos, então, diante de um lirismo de reorganização do passado, fato que contribui para a aproximação da poesia de Alvim à terceira geração modernista. O caráter melódico do verso da poeta e a presença dos questionamentos sociais fazem de Alvim uma poeta modernista, mas com marcas profundas da tradição lírica em termos universais. Temos uma poeta que filtra a realidade via objetivação do mundo, antes pelo olhar individual e pelo sentido de pertencimento, do que pela compreensão de um mundo corrompido pela perda das ilusões.

Referências

- AVILA, A. *O Modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- ALVIM, M. A. *Superfícies*. São Paulo: Record, 1956.
- BAUDELAIRE, C. *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*. Organizador e tradução de Teixeira Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 37.ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BRITO, M. *Antecedentes Da Semana De Arte Moderna*. 1. Ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1964.
- CAMPOS, H. *A arte no horizonte do provável*. São Paulo. Perspectiva, 1990.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 4.ed. São Paulo: Editora Nacional, 1975.
- PAZ, Octavio. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- ROSENFELD, A. *Texto/contexto I*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- SANTOS, Antonio L. *A poesia de Maria Ângela Alvim: Nas fronteiras do cânone*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas. 2008
- SANTOS, Paula Cristina Guidelli do; SOUZA, Adalberto de Oliveira. *As vanguardas europeias e o modernismo brasileiro e as correspondências entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. In: CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e literários. Maringá, 2009, p.789-798.
- TELLES, G. M. *Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro*. 18. ed. São Paulo: Vozes, 2006.
- TANJI, I. A. D.; PEREIRA, D. C. de Um olhar sobre a poética de Maria Ângela Alvim. *Revista Querubim*, Ano 07, Número 13, Fev. 2011, p. 52-58.